



QUE DEVO FAZER? REAGIR A QUÊ?

Um aspecto comum hoje em dia é ver o florescer de abordagens centradas essencialmente na vertente de defesa pessoal e ver as Artes centradas nas antigas formas de combate que têm uma forte componente de desenvolvimento pessoal serem relegadas para o plano da “curiosidades”. É natural que assim seja já que vivemos num mundo cada vez mais materialista, violento e centrado no Ego. É desejável que assim seja? Não! Não Retirando às abordagens de defesa pessoal os lados práticos necessários, em alguns contextos, e portanto úteis, elas são na minha opinião limitadas e esquecem a necessidade de estudar aquele que é o nosso VERDEIRO Oponente, nós mesmos.

Um dos aspectos que em que isso se torna óbvio é quando ouvimos a frase:

- Perante uma acção como devemos reagir?

Sintomático! Começemos por definir o que é “reagir”. No dicionário podemos encontrar:

- *Exercer reacção contra.*
- *Opor a uma reacção outra que lhe é contrária.*
- *Opor-se, resistir, lutar.*
- *Entrar em reacção.*
- *Responder de uma certa maneira a uma acção, a um acontecimento.*

Podemos concluir, sem grande esforço, que o princípio de acção/reacção é uma resposta à acção de alguém e que portanto estamos a funcionar em função de vontade de alguém.

Se somos chamados a pensar como artistas marciais e como tal alguém que estuda as Artes da Guerra, devemos analisar as coisas com rigor científico e nesse aspecto acho que muitas abordagens de alguns grupos de “defesa pessoal” falham por quererem recriar algo que já encontramos em abordagens, como o exemplo o Jujutsu, Aikijutsu, Koppojutsu, Kenpo clássico, o Kakutou e outras formas, e agindo ao sabor de estratégias. É isso o que se quer? É compreensível este esquecimento dado o florescer de artes que se tornaram desportivas e de competição, que por essa razão perderam a sua essencial marcial, e serem tão frequentemente confundidas com as antigas formas guerreiras. O esquecimento, a confusão, a ignorância e até outras razões têm contribuído muito para o desenvolvimento do interesse em abordagens que têm o seu enquadramento natural numa modernidade de guerra, de países com necessidades próprias para darem resposta a situações muito particulares, mas que, no meu ponto de vista não se justificam como defesa pessoal numa sociedade “normal”. Forças policiais e forças militares têm estudado as artes militares do Japão e têm incorporado na sua formação militar técnicas já



centenárias. É isso que queremos? Tornarmo-nos todos militares? Talvez ... mas é isso que precisamos efectivamente? Aprofundemos e estudemos o que existe ... há tanta riqueza a explorar. Teremos a humildade e força para tanto? A verdadeira técnica do guerreiro não é a que mata ... é a que salva, a que muda o seu interior tornando-o sábio, pacífico e carinhoso.

Tive um professor, já falecido, que me disse um dia algo que nunca esqueci: A verdadeira defesa pessoal não é técnica, é atitude! (saudade do Jorge T. Sousa).

Voltando ao aspecto acção/reacção ... O estudo da estratégia (heiho) é determinante tanto para um general como para um soldado e ambos devem saber que reagir é a última coisa a fazer. A reacção implica o estar enredado na vontade de outro, que perdemos a nossa autonomia e a nossa vontade. Todos os grandes estrategas militares ao longo da história têm defendido que o princípio a defender é o de acção/acção. Perante o outro impomos a nossa acção e que não é o reagir, e isso se observa em vários estudos, como por exemplo, aquilo que se designa pelo sen no sen e o go no sen. Se não estudarmos estes aspectos, esta subtilidade, que por exemplo no Kenjutsu na sua forma Awase está presente então é natural que floresçam por aí abordagens que mais não trarão que respostas no mínimo rudes quando a resposta está na história que conto a seguir.

“Um grande e terrível chefe militar, conhecido pela sua ferocidade decidiu atacar uma cidade que ao saber da sua intenção, entrou em pânico. Fugiram todos e só lá ficou em velho monge, indiferente à vontade e ferocidade do chefe militar.

Quando o mesmo entrou na cidade ainda mais furioso ficou perante a figura do monge que sentado calmamente meditava.

- (Chefe militar) Sabes quem eu sou?

- (Monge) Sim sei!

- (CM) E tens consciência que com um só golpe te posso degolar?

- (M) Sim tenho! E tu tens consciência disso?

Sabem qual é a moral da história? Nada como uma boa chávena de chá para um grande guerreiro!

Lisboa, 10 de Junho de 2014